

Muitas dessas histórias antigas foram preservadas e hoje chegam a nós através da media escrita, como as coleções de manuscritos medievais *Llyfr Gwyn Rhydderch* (O Livro Branco de Rhydderch) e *Llyfr Coch Hergest* (O Livro Vermelho de Hergest), que datam do século XIV em sua versão escrita, mas são de fato muito mais antigos em seu formato oral. No século XIX Lady Charlotte Guest os traduziu para a língua inglesa num apanhado cujo título é *The Mabinogion*. Ali se encontram algumas das mais antigas referências às lendas Arthurianas. Há também os *Manuscritos Peniarth*, que datam do século XVI e podem ser visitados na Biblioteca Nacional de Gales. Outras histórias chegaram até nós por meios diversos, como é o caso da lenda *Leir of Britain*, contada pelo monge Geoffrey de Monmouth em latim, no século XII, no seu *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis Bretões), e que foi mais tarde recontada como o *Rei Lear* por Shakespeare. Outras ainda foram coletadas por folcloristas e publicadas ao longo dos anos em coleções de contos folclóricos que se encontra com tanta facilidade em lojinhas para turistas e centros históricos do País de Gales.

Oito dentre as mais conhecidas dessas histórias foram aqui recontadas, a partir da releitura da coleção *Folk Tales of Wales* [Contos Galeses] compilada por Eirwen Jones em 1947. Procurei me ater à linha do enredo, mas me permiti o prazer de usar e abusar da licença poética para transmitir o recado à minha maneira. Espero não ter exagerado. Pelo menos, acho que não introduzi monstros marinhos, nem vampiros, nem zumbis a ponto de criar “*mash-ups*” pós-modernos. Só me empolguei um pouquinho, aqui e ali, soltando a imaginação e deixando o tom dos contos bem-humorado.

Espero que tenham apreciado o esforço.

Alan Peter Fear
Agosto de 2011.

Referências

ASH, Russel. *Folklore Myths and Legends of Britain*. Reader's Digest Association, London. 1973.

GWYNDAF, Robin. *Welsh Folk Tales*. National Museum of Wales, Cardiff. 1989.

JONES, Eirwen. *Folk Tales of Wales*. Gomer Press, Llandysul. 1978.

O tradutor e sua visibilidade

Rosalia Neumann Garcia

Em *A Tarefa do Tradutor* Walter Benjamin revela que em uma obra literária há algo de misterioso, poético e indecifrável, que coloca um dilema para qualquer tradutor. Deve esse tradutor ser poeta também para que possa levar a cabo a tradução de uma obra literária? Com essa idéia em mente, Benjamin também se pergunta se seria possível encontrar o tradutor mais adequado para fazer uma tradução específica entre leitores de uma obra. O que gostaria de destacar aqui é essa visão do tradutor como leitor, já que para muitos leitores de obras traduzidas, o tradutor é inexistente; jamais é visto como mediador entre a obra fonte e a obra alvo, quanto menos leitor de carne e osso, pertencente a um determinado contexto cultural. Magicamente, aquela obra parece nunca ter tido outra forma a não ser a da língua do leitor. Para Benjamin, apesar de sua preocupação estar mais voltada para a traduzibilidade ou não de um texto, o fato de ele ter tocado na existência do tradutor como leitor da obra original é significativo.

Antoine Berman, outro importante estudioso da arte de tradução, define a tradução como “a prova de estrangeiro”, pois estabelece uma relação entre o que é da própria língua, aquela para a qual a obra foi traduzida, e a obra estrangeira, vinda de um contexto estranho. Essa relação permite que a cultura alvo faça um movimento em direção àquilo que é estranho, se abrindo e permitindo que o estrangeiro penetre o familiar, o próprio. Berman também se refere a um elemento da obra estrangeira que é seu cerne, aquilo que pertence a si mesmo de forma mais próxima, enterrada, mas que também é o mais distante de si mesmo. Ou seja, assim como para Benjamin, para Berman existe algo poético e misterioso, que desafia o tradutor, mas que também desafia o leitor do original. Assim sendo, o que fazer com esse elemento estranho, de difícil acesso e tradução? Berman sugere que se destaque a estranheza do texto, que a língua original se mostre e entre em choque com aquela em que está sendo convertida. De alguma forma,

vai haver um acoplamento, um encontro de elementos que pode desafiar tanto a língua de origem quanto a de chegada.

Seja como for, se o foco é o papel do tradutor como intérprete da obra literária, um mediador que permite que outros leitores possam penetrar em um mundo literário estranho/estrangeiro; ou se esse foco se volta para o texto fonte e o embate entre palavras e culturas, as traduções têm um papel fundamental nos sistemas literários mundiais. Se observarmos o sistema literário brasileiro, a influência da literatura francesa é notável, tendo moldado e criado, por assim dizer, a literatura brasileira dos séculos XVIII e XIX. Da mesma forma, a literatura traduzida pode ter um papel fundamental em motivar escritores da cultura receptora em suas criações, ao ponto de originar movimentos culturais e literários importantes. Tendo isso em mente, entende-se como o tradutor enfrenta decisões importantes – questões culturais que fazem sentido em uma língua podem não ter efeito em outra. Marcas culturais que são significativas dentro de uma obra devem ser levadas para a língua alvo, mas de que forma? Será que o enfrentamento do “estranho”, tarefa essencial do tradutor, deve se refletir na obra que ressurgir para os olhos de leitores da tradução?

Nos três anos em que tenho me debruçado sobre a versão de contos dos autores Machado de Assis e Mário de Andrade para a língua inglesa, em um projeto de pesquisa que coordeno no Instituto de Letras da UFRGS¹, a tarefa de tentar achar o equilíbrio entre o texto fonte e o texto alvo tem sido um jogo delicado. Se existe algum núcleo do texto literário que, segundo Benjamin, não se deixa traduzir, este certamente apareceu inúmeras vezes nas diversas revisões que nossa equipe de pesquisadores/tradutores fez das versões dos dois autores brasileiros. Com frequência, nos defrontamos com a utilização das mais variadas estratégias para contornar ou solucionar os quebra-cabeças que surgiam. Mais uma vez, é crucial que vejamos como estudiosos de tradução descrevem essas estratégias. Berman, por exemplo, procura definir tendências “deformadoras” utilizadas com frequência, mas que por vezes não chamam atenção do leitor nas traduções de obras em prosa. Essas tendências vão desde a racionalização até a destruição de redes subjacentes de significado, passando por a destruição de rimas, ou de expressões, e o empobrecimento quantitativo e qualitativo.

Por outro lado, as estratégias enumeradas por Paul Newmark também se voltam para desvios ou soluções utilizados por tradutores em seu trabalho. Em nossas versões de Mario de Andrade, observamos com frequência o quanto esses recursos eram necessários para contornarmos problemas específicos, seja de ordem cultural ou lingüística. A naturalização, a neutralização, notas de rodapé, equivalentes culturais e compensações são algumas das estratégias que foram necessárias para lidar com a versão do autor brasileiro para o inglês.

É interessante notar que é no confronto com palavras culturais, como Newmark as classifica, que a necessidade de utilizar estratégias se torna mais evidente. Newmark, por exemplo, lista ecologia, cultura material, cultura social

e organizações como elementos culturais que precisam ser abordados em uma tradução. A essa lista nosso grupo de pesquisa acrescentou marcas discursivas do próprio autor, marcas temporais (onde tempos verbais marcam ritmo na narrativa) e marcas discursivas próprias do país, nesse caso o Brasil. O que se destaca nessas especificações é a necessidade de o tradutor refletir cuidadosamente sobre sua prática, suas escolhas e seu papel na tradução. Nessa atividade reflexiva fica evidente que a tradução literária é um trabalho artesanal, ponderada e lenta se for feita com cuidado, o que obviamente vai contra, com frequência, o ritmo adotado pelo mercado editorial, que necessita produzir traduções numa velocidade muito mais veloz.

Na tradução nos defrontamos, em última análise, com uma tarefa das mais complexas e, por vezes, frustrantes. Em nenhum momento, no entanto, devemos desistir do esforço hercúleo que se apresenta para nós. É justamente no confronto com o texto fonte que o tradutor se vê às voltas com tantos conceitos e estudos feitos por teóricos ao longo dos anos e que, no momento de lidar com termos dos mais diversos, vem auxiliar nessa tarefa imperfeita. Isso não significa de modo algum que o tradutor de textos literários não enfrenta obstáculos que às vezes parecem intransponíveis. De qualquer forma, é nesses momentos que parecem impossíveis que o tradutor precisa exercer seu papel de mediador, transgressor ou criador. Por um lado, ele deve levar em conta restrições que podem limitar seu trabalho tais como o estabelecimento do que uma sociedade irá considerar tolerável e aceitável em uma leitura. Por outro lado, o tradutor pode enfrentar a necessidade que o próprio texto fonte coloca de destacar o estranhamento de um termo, de uma expressão ou de uma imagem. É necessário ter em mente que as tendências deformadoras, nas palavras de Berman, ou as estratégias de Newmark, não existem em um vácuo a-histórico. Berman expressa isso de forma clara quando diz que a tradução como é feita usualmente dentro da cultura ocidental tem sido “uma restituição embelezadora de significado com base na típica separação platônica entre o espírito e a letra, o sentido e a palavra, conteúdo e forma ...”. Desse ideal vem nossa busca pela tradução clara, elegante e fluente. Por vezes, essa tradução se torna mais “pura” do que o próprio original o que, segundo Berman, é a destruição da letra em favor do significado.

Uma forma de poder unir, mesmo que imperfeitamente, o espírito e a letra, ou conteúdo e forma, como diz Berman, é costurar o estudo da tradução feita por um viés cultural com a observação de questões ligadas a narrativa do texto; o que remete às formas e aos recursos utilizados pelo autor para manipular seu texto literário. Se, por um lado, vemos a tradução de uma determinada obra como parte de um sistema mais amplo em que há trânsito entre texto fonte e texto alvo, entre centro e periferia, por outro lado, podemos nos deter nas minúcias da obra sendo trabalhada, em seu funcionamento narratológico.

A observação das leis que governam a diversidade e a complexidade dos fenômenos literários é tratada amplamente pela Teoria de Polissistemas de

Itamar Even-Zohar. Para Even-Zohar existe uma integração entre línguas padrão e variedades lingüísticas, assim como entre as obras traduzidas e aquelas de onde essas traduções partiram. Vista dessa forma, podemos reconsiderar a forma que tratamos traduções dependendo do sistema para a qual essas foram feitas. Um sistema literário considerado periférico, uma vez traduzido, pode transitar para um sistema central e influenciar formas narrativas e estilísticas, assim como abrir espaço para uma maior compreensão da cultura da obra fonte. Traduções novas podem trazer outras visões da cultura fonte que não foram percebidas anteriormente ou, que talvez, não puderam ser reveladas devido a diversas restrições ligadas ao contexto da época. Observar as escolhas feitas em diversos processos de tradução pode revelar decisões da parte de um tradutor, decisões ligadas a políticas editoriais, ao contexto histórico, a visões de mundo e, até, ligadas a escolha de quais obras traduzir em determinado momento.

Entretanto, é necessário também adotar ferramentas a partir de um suporte teórico mais detalhado para que se possa analisar o papel do tradutor como leitor do texto fonte e como intérprete de uma narrativa que precisa ser desvendada em vários níveis. Assim, adotar uma análise de aspectos narratológicos se revela uma forma útil, mostrando que o tradutor tem a dupla função de leitor e criador de um novo texto ainda que evidentemente calcado na origem. A teórica holandesa Mieke Bal propõe uma “idéia de narratologia que une texto e leitura, sujeito e objeto, produção e análise para o ato de compreensão.” O tradutor, nessa lógica, pode se colocar com sujeito-leitor da obra a ser traduzida, que é seu objeto de escrutínio, e, portanto, adotar um método para lidar com esse objeto. O único objetivo claro nesse exercício prático de análise do texto fonte é ter elementos suficientes para poder lidar com esse texto em todos seus detalhes. Nesse enfoque, a importância da narrativa se dá pelo seu efeito no leitor e, conseqüentemente, na tradução feita. Podemos, como tradutores, perceber não apenas o significado das palavras, mas também, de onde essas palavras vêm, ou seja, a partir de que ponto de vista e com que intenção. Assim, ter uma visão clara de narrador, personagem, foco narrativo, narrativas principais e inseridas, desvios cronológicos e anacronias, assim como, ritmo, acrescentam novo sentido à obra que está sendo traduzida, influenciando o tradutor a tomar decisões com critério e precisão. Os recursos narrativos que um autor adota são, afinal, uma forma de revelar sua visão e indicar ao leitor o que deve ser considerado importante, e o que pode ser percebido e sentido em determinado momento.

A questão polêmica sobre se o tradutor pode interferir na obra que está traduzindo, tornando-a não apenas palatável para um público leitor específico (lembramos o caso da literatura infanto-juvenil que depende tanto de ajustes temporais e espaciais), mas uma criação sua (talvez colocando o tradutor como co-autor), permanece. Tudo depende da postura adotada pelo tradutor. Em geral, os tradutores escolhem um caminho menos tortuoso quando estão lidando com obras literárias. O movimento de vai e vem entre obra fonte e obra alvo é feito com o uso de diversos critérios e pode passar ao longe de discussões teóricas e abs-

trações. Se em uma ponta do espectro em que se encontram tradutores literários está o tradutor de poesia, que se debruça sobre a palavra com cuidado, mas que toma decisões às vezes consideradas corajosas e desprendidas do texto original; no grande meio estão um número de tradutores que necessitam tomar decisões que nem sempre podem ser consideradas criativas e que os torna invisíveis ao leitor da tradução. É necessário que todo leitor sempre lembre que na obra que ele está lendo houve (e há) um constante embate que iniciou no momento em que o autor pensou em seus personagens e em suas ações; passou pelos olhos e pelas mãos de um dedicado tradutor; e que lhe é entregue para seu estudo e fruição.

Referências

- BAL, Mieke. *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative*. University of Toronto Press, Toronto, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *The Task of the Translator: An Introduction to the Translation of Baudelaire's Tableaux Parisiens*. Trad. Harry Zohn. In: *The Translation Studies Reader*. New York: Lawrence Venuti, Ed., Routledge, 2004. pp. 75 – 85.
- BERMAN, Antoine. *Translation and the Trials of the Foreign*. In: *The Translation Studies Reader*. New York: Lawrence Venuti, Ed., Routledge, 2004. pp. 276 – 289.
- GARCIA, Rosalia; Bordinhão, Cristina; Fleck, Regina; Lampert, Aline. “Tradução Literária e seus Desdobramentos: Aspectos Culturais e Narratológicos da Versão para o Inglês de *Contos de Belazarte*, de Mário de Andrade.” A ser publicado nos anais do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, UCS em outubro de 2011.
- _____. “Tradução Literária e seus Desdobramentos: Tradução e Cultura em Contos de Mário de Andrade.” Jornada do Instituto de Letras, UFRGS, 2010. No prelo.

Nota:

Esse projeto teve nos seus 3 anos de funcionamento a colaboração ativa dos seguintes alunos da graduação do curso de Bacharelado em Letras-inglês (nas versões de Machado de Assis): Amanda Zampieri, Cybele Alle, Francisco Araujo da Costa, Gabriela Camargo, Mariana Bandarra e Monica Stefani. Além disso, o pós-graduando Ian Alexander também trabalhou nas versões de Machado de Assis. Na etapa atual, nas versões de contos de Mário de Andrade, temos o trabalho das alunas de Bacharelado Aline Lampert, Cristina Bordinhão e Regina Fleck que apresentaram resultados no Salão de Iniciação Científica 2010 (e irão apresentar também resultados em 2011) além de outros eventos que resultaram em publicações importantes.